

Em Barcelona – Ibrahim versus Franco?

Economia-Brasil

Carlos Daniel Coradi *

Interessantíssimo “debate” o que presenciei em Barcelona, em um encontro patrocinado pelo BID e na reunião do Banco Pontual, que juntou, na mesma mesa, o ex-presidente do Banco Central Ibrahim Eris e o atual diretor internacional, Gustavo Franco, ambos palestrantes convidados.

O contraste dos dois pontos de vista ficou claro por uma pergunta feita por um dos mais

de cem banqueiros internacionais presentes e pela piadinha que outro ex-presidente do

Banco Central, Affonso Celso Pastore, fez na saída do encontro.

O banqueiro, preocupado com as posições claramente opostas dos dois palestrantes, perguntou na parte dos debates: “Estou nervoso com os pontos de vista conflitantes dos dois scholars brasileiros e quero objetivamente perguntar qual a probabilidade de uma mudança radical na política cambial brasileira e quais as chances de que ela irá ocorrer”. A resposta de Gustavo Franco foi no sentido de

que não via contradições nem na visão nem no diagnóstico, talvez no entendimento das correções que se fizessem necessárias.

Perguntei a Pastore o que achou, qual era sua opinião. Ele disse: “É para montar um sistema de disque 0800 e opinar”, “acho que Ibrahim está certo, disque 0800-001; acho que Franco está certo, disque 0800-002”. “E sua opinião, Pastore, qual é?”, perguntei. Responde ele, evidentemente em tom jocoso: “Eu prefiro ficar

Ibrahim Eris vê como boa a imagem atual do País – mas o futuro é duvidoso

com os três reais das ligações!”

O professor Ibrahim Eris vê a fotografia atual brasileira como “OK”,

porém acredita que a questão é o filme, especialmente a projeção futura, visto que a deterioração da balança comercial é crescente, ela fica ampliada pela questão do déficit em contas correntes, que em 1996 atingiu 3,5% do PIB e pode ser visto como razoável, mas está crescendo aceleradamente por força do forte aumento das importações. Diz Ibrahim. “No pior cenário para 1997, chega-se a uma necessidade de fluxo de entrada de capitais perfeitamente possível de ser

atingido, levando-se em conta a atual tendência. A fase crítica, contudo, será 1998, quando teremos eleições; por isso, todos estão olhando os dados para ver como estaremos nos próximos meses, quando então saberemos se é preciso fazer algo ou não que anteceda o ano eleitoral. Se esse for o caso, não se pode fazer quase nada em 1998. O que tiver de ser feito terá de ser implementado ainda em 1997.

Para o PhD por Harvard, Gustavo Franco, o Brasil desenvolveu a habilidade e a tecnologia de reduzir temporariamente a inflação através dos vários planos econômicos anteriores ao Plano Real, mas com eles aprendeu a atacar as causas e não os sintomas da inflação. Na verdade, diz Franco, “a coisa é mais profunda do que o simples receituário do FMI; na década de 70 crescemos mais do que o Japão; na década de 80 perdemos a capacidade de crescer, tivemos uma transição para a democracia e para a abertura política. Isso



produziu altos gastos sociais, o que reduziu nossa capacidade de investir. Adicionalmente, o processo de ajuste fiscal é lento e incorre em outros gastos, como, por

exemplo, para demitir funcionários e servidores. O País era fechado e agora está se abrindo, a competência interna está sendo desafiada, a perda de competitividade dos anos 80 agora dificulta nossas exportações. Mas as palavras de produtividade, reengenharia, qualidade hoje fazem parte do dia-a-dia das empresas brasileiras, não só para o mercado externo, mas também para o interno. A dificuldade de uma empresa de Santa Catarina em vender seus produtos para São Paulo é a mesma que ela tem em vender para o Canadá. Se olharmos o número de exportadores, vamos ver que eles estão aumentando, mas muitos deles são ainda esporádicos, tentando locais mais fáceis, como, por exemplo, o Mercosul. Isso indica que estamos em um processo de

reestruturação que certamente se alongará”.

Ambos os economistas foram aplaudidos, porém sem muito entusiasmo. Os banqueiros europeus, maioria presente, sabem que anos difíceis estão chegando com os avanços da Comunidade Européia, conforme palestra do doutor Hay, no mesmo local onde falaram Eris e Franco. A estabilidade de preços é a meta número um da Europa, pois o sucesso da nova organização depende dessa estabilidade.

Os “budgets” nacionais estão sendo monitorados para não apresentar déficits superiores a 3%, mas a meta é mantê-los dentro de 1%. Os bancos terão que investir verdadeiras fortunas para se adaptar ao novo padrão europeu; haverá uma perda substancial de receitas, pois se caminhará para uma moeda única, onde as trocas cambiais desaparecerão. Haverá corte de pessoal, pois todos tentarão não duplicar esforços em diferentes localidades da Comunidade; a atividade bancária na Europa unificada se tornará mais competitiva e, portanto, forçará os europeus a olhar os outros

mercados e, certamente, a América Latina. Ao mesmo tempo, os bancos da América Latina estarão olhando a Europa e buscando parcerias para se diversificar através de alianças estratégicas, por exemplo, com espanhóis e portugueses, os quais, por sua vez, tenderão também a se unir, devido a semelhanças de línguas, costumes e estruturas legais.

O que estranhei no debate dos dois PhD brasileiros foi a ausência total, absolu-

tamente total, de qualquer referência às questões sociais do Brasil. Silêncio absoluto a respeito de consequên-

cias das diferentes visões estratégicas sobre o povo, sobre o nível de desemprego, sobre a fixação do homem ao campo, sobre as dilemáticas questões dos sem-terra, dos sem-teto, dos efeitos da globalização, sobre as questões de divergência de protecionismo entre Europa, Estados Unidos, Ásia e América Latina. Nenhuma palavra sequer. Por quê? Deixo a resposta para reflexão do leitor. ■

O que se deve estranhar no diálogo Eris/Franco é a ausência da questão social